



Homilia IV Domingo do Advento Ano C – 2024

Dom Emanuel Maidana, OSB

Caríssimos irmãos e irmãs, já vamos adiantados no tempo litúrgico do Advento.

Tempo este que nos recorda que Deus é fiel: Ele se importa conosco e quer, por seu imenso amor, salvar-nos por meio de seu amado Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, o Divino Emanuel que para cumprir o desígnio do amor do Pai se fez homem e habitou entre nós.

Ao longo do Tempo do Advento a Santa Mãe Igreja, por meio da Sagrada Liturgia, nos recorda as duas vindas de Cristo: No 1º e no 2º Domingo de maneira especial a segunda vinda de Cristo, que está assentado a direita do Pai e virá consumir a história da Salvação no fim dos tempos, no dia do juízo final. E no 3º e no 4º Domingo recordamos a primeira vinda de Cristo, que culmina na festa do santo natal do Senhor. Vinda que Deus preparou ao longo dos séculos, revelando-a ao povo da antiga aliança por meio de seus santos profetas. Advento que já se realizou na História, no espaço e no tempo, é fato! Todavia, para nós, povo da nova aliança, o tempo de advento perdurará por toda a nossa existência, devemos a cada dia, com prontidão e vigilância, esperar Aquele que é, que era e que há de vir: Jesus Cristo o Salvador.

Logo após a visita do Arcanjo Gabriel à Maria, onde por ele foi saudada como cheia de graça e que encontrou graça diante de Deus, pois o próprio Deus lhe enviara para anuncia-la que seria a Mãe do Filho do Altíssimo, o Messias profetizado e esperado, Maria partiu para a região montanhosa da Judeia para visitar sua prima Isabel.

Aqui temos um Inter testamento, um encontro entre o antigo e o novo, há uma conexão. Tudo o que fora profetizado, agora se vê realizado. O próprio Deus veio ao encontro de seu povo para redimi-lo. Há dois Domingos, no dia 8 de dezembro, celebramos o Dogma da Imaculada conceição da Bem Aventurada Virgem Maria. A virgem prenunciada pelo profeta Isaías, a qual conceberia e daria a luz um filho e o chamaria de Emanuel, que significa “Deus conosco”. A Igreja sempre acreditou que o próprio Deus predestinou a Virgem Santíssima para ser instrumento de salvação para o povo de Deus. A promessa feita por Deus a Davi de um descendente de sua linhagem que ocuparia para sempre o seu trono real, se cumpre em Maria, pois embora também José, o pai nutrício de Jesus, fosse da sua descendência, é diretamente em Maria que se cumpre essa divina promessa, é em seu ventre bendito, que o Divino Redentor é acolhido e gerado para vir à luz e habitar entre nós. Deus poderia, se quisesse, enviar o Filho, glorioso, revestido de sua majestade eterna sem submetê-lo, por meio de sua Encarnação, ao esvaziamento de sua divindade, mas Deus quis precisar de Maria, quis servir-se de Maria, preferiu

por meio de Maria a Nova Eva corrigir a história da Antiga Eva e suas consequências. Deus quis que seu Filho Eterno, o Novo Adão, se fizesse homem e se revestisse de nossa fragilidade humana sequelada pelo pecado do Velho Adão para redimi-la e restaurar na humanidade inteira a amizade, a intimidade e a comunhão com Deus. Por isso a Igreja reconhece e crê que Maria é muito especial e querida por Deus e por Ele foi sonhada para colaborar na obra da Redenção.

Esta fé e devoção à Santíssima Virgem nós a adquirimos por herança da fé e esperança do povo de Deus que aguardava a plenitude dos tempos para se cumprir a promessa de Deus. E nesse encontro de Maria com Isabel, salta-nos aos olhos, o quanto o povo esperava que a Virgem proferida por Isaías concebesse o Emanuel e lhe trouxesse à presença dos homens. Isabel ao ouvir a saudação de Maria: *Shalom Elisheva!* (Paz Isabel!) a criança pulou de alegria em seu ventre, ou, poeticamente, bailou em seu ventre e Isabel ficou repleta do Espírito Santo e, com grande júbilo exclamou em alto e bom som, a plenos pulmões: *“Bendita é tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre! Como posso merecer que a Mãe do meu Senhor me venha visitar?”*. Gosto muito de destacar esta exclamação de Isabel. Reparem que Isabel já muito idosa está grávida, esperando em seu ventre João Batista. É muito mais velha que Maria, sua prima que tinha por volta de seus 14 ou 15 anos, e, por sua fé, Isabel, como todo o seu povo, esperava o Messias como seu redentor, por isso reconhece Maria como aquela de quem a profecia se referia. Não era apenas a visita de sua “priminha” Maria, mas a visita da Mãe do seu Senhor! Pois sabia que em seu ventre estava o Emanuel, o Deus conosco.

E é com muita clareza de fé que a Igreja desde os primórdios, durante o Concílio de Éfeso no ano 431 d.C., proclamou Maria como Mãe de Deus, a *Theotokus*. *Theotokus* é o título grego utilizado na Igreja Católica Apostólica Romana e também na Igreja Ortodoxa. Sua tradução literal para o português inclui “Portadora de Deus”, todavia a tradução mais expressiva deste mistério é: Mãe de Deus.

Para honrar a memória desse concílio, o Papa Pio XI, em 1931, estabeleceu a festa da Divina Maternidade de Maria em 11 de outubro, todavia, após o Concílio Vaticano II, foi transferida para o dia 1º de janeiro, levando o nome de Solenidade de Maria, Mãe de Deus. Esse mistério está bem explícito no prólogo do Evangelho de São João: *“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava em Deus e o Verbo era Deus (...) E o Verbo se fez carne e habitou entre nós”* (Jo 1, 1.14). O Verbo era Deus, se fez carne no ventre de Maria. Maria concebe o Verbo Divino e em seu ventre gera-lhe na carne dando-lhe um corpo, como ouvimos na segunda leitura: *formaste-me um corpo (...) É graças a esta vontade que fomos santificados pela oferenda do corpo de Jesus Cristo, realizada uma vez por todas (Hb 10, 5. 10)*, por isso A Igreja professa que Jesus Cristo é Verdadeiro Deus Verdadeiro Homem, gerado e não criado, consubstancial ao Pai.

O Catecismo da Igreja Católica afirma assim: “Com efeito, Aquele que ela (Maria) concebeu como homem por obra do Espírito Santo, e que se tornou seu

filho, segundo a carne, não é outro senão o Filho eterno do Pai, a segunda pessoa da Santíssima Trindade. A Igreja confessa que Maria é, verdadeiramente, Mãe de Deus: *Theotokus* (CIC 495).

Isabel reconhece que a salvação chegou e está diante de si, no ventre ditoso de Maria, a Mãe de seu Senhor! Na tradição ortodoxa bizantina do cristianismo existe um hino antigo em sua liturgia que resume poeticamente essa verdade complexa: “Aquele que todo o universo não podia conter estava contido em seu ventre, ó *Theotokus*.”

Seguindo o diálogo de Maria e Isabel temos o Cântico de Maria, o Magnificat, onde a Bem-aventura Virgem Maria proclama as maravilhas de Deus que promete e cumpre sua palavra, e profetiza: “*Doravante todas as gerações me chamarão bem-aventurada*” (Lc 1, 48). Todas as gerações daquele dia em diante, por todo o sempre, haverão de reconhecê-la como bendita de Deus e serva fiel que por amor a Deus e a seu povo e, conseqüentemente a toda humanidade aceitou que em si se cumprisse a vontade do Altíssimo de salvar todo o gênero humano e, por isso, foi corredentora na obra da salvação formando a partir de seu corpo, a gestação do corpo humano do Verbo Eterno, Jesus Cristo, Deus de Deus.

Por isso nós católicos veneramos Nossa Senhora com fé e devoção e a amamos com ternura filial, pois somos parte das gerações que, conforme a profecia, doravante haveriam de proclamar Maria como bendita, pois para nós gerou o Salvador, o fruto bendito de seu ventre.

Nossa devoção mariana, é sempre Cristo cêntrica, e brota pelo desígnio de Deus da Sagrada Escritura. A oração da Ave Maria rezada no mundo inteiro todos os dias em todos os idiomas, foi inspirada nessa passagem do Evangelho de hoje, e é composta por duas partes: uma de louvor e a outra de súplica. A primeira parte é retirada justamente do Evangelho de São Lucas, da saudação angélica: “*Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo!*” (Lc 1, 28b) e da saudação de Isabel: “*Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre!*” (Lc 1, 42b). Inicialmente a união dessas duas saudações era apenas de uso litúrgico. O seu uso como fórmula de oração começou nos mosteiros, em torno do ano 1000 e, aos poucos foi se difundindo e se popularizando, tornando-se universal em toda a Igreja após o Séc. XII. O texto, porém, compreendia somente a primeira parte, sem o nome Jesus. A segunda parte, é uma súplica por intercessão: “*Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores agora e na hora de nossa morte. Amém*”; foi adicionada somente no século XV, e foi nessa época que se acrescentou o nome “Jesus” ao final da primeira parte. Vale a pena lembrar o sermão de São Bernardino de Senna (+ 1444) que ao comentar a Ave Maria, disse que, ao final desta, se poderia acrescentar: “*Santa Maria, rogai por nós pecadores*”. A fórmula atual da oração da Ave Maria, que se difundiu lentamente, foi divulgada no breviário publicado em 1568, por ordem do Papa Pio V.

É por meio dessa oração, aparentemente tão simples, porém tão profunda e rica de poder espiritual capaz de afugentar os demônios, que a Igreja segue agradecendo a *“Deus que tanto amou o mundo que enviou seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Pois Deus não enviou o Filho para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele”* (Jo 3, 16-21), tudo isso pelo mistério da Encarnação graças ao “Sim” de Maria, recorrendo a sua materna intercessão.

Que a Augusta Rainha do Céu, interceda por nós para que bendizendo a Deus, dia e noite, sejamos sempre vigilantes e com nossos rins cingidos e com lâmpadas acesas esperemos, na liturgia e na vida, Aquele que veio e que há de vir, para nos salvar e nos levar para o seu Reino eterno, suplicando em preces: *maranathá*, vem Senhor Jesus!

Assim seja! Amém.